

ZÉLIA RESPONDE (E SUPERA) ÀS PARCAS

*Jorge de Souza Araújo**

O universo mitológico da Grécia Antiga nos legou boa sorte de referências culturais, mentais e psicológicas, particularmente no que toca ao destino dos humanos. Nossas incontáveis fragilidades, nossos empenhos de ultrapassagem, tudo parece já ter sido anotado pelas expressões emocionais dos gregos, que tudo insinuam já terem conhecido quanto a limites e ao esforço trágico de superação. Assim foi que Freud buscou em Sófocles, na tragédia do rei Édipo, a instância fundamental de construção das teses psicanalíticas do Inconsciente e, em especial, do célebre complexo de Édipo, ou a *culpa* inconsciente do Desejo. Outros mitos permanecem frequentando o imaginário ocidental, clivando nossas atitudes comportamentais diante de fatos e circunstâncias que nos envolvem na tropelia dos tempos, novos ou velhos.

Os eternos conflitos humanos face às adversidades encontram respostas substantivas no conjunto dos mitos plantados na civilização helênica, cuja ressonância ainda ecoa fortemente na modernidade contemporânea. Sublimamos nossas dores em função dos mitos herdados, seja da utopia platônica, da racionalidade aristotélica, da sabedoria socrática, dos aprendizados de Sísifo, de Prometeu, de outros tantos seres fronteiros entre o divino e o humano, as dores coletivas representadas por lendas individuais ou de pequenos grupos.

Dentre esses mitos persistentes, notabilizados pela constância com que se impõem aos nossos sentimentos, o universo das Parcas parece o mais íntimo e dolorosamente presente em nossas combatidas experiências existenciais, submetendo-nos constantemente a reflexões sobre a complexa relação vida/morte, densidade religiosa, absorção de perdas, superação da dor etc. As Parcas representavam o anúncio de exclusões no mundo dos vivos, entre os gregos. O espírito trágico de sua presença simbolizava ícones de desesperação e abandono, solidão, negação, lacuna, vácuo, porque anunciavam sempre da nossa frágil sintonia em face da morte.

E quanto mais velhos ficamos, mais viva entre nós a contínua presença das Parcas. A Morte (e a sensação de perda dela conseqüente) nos impõe rigores e perplexidades, embora a saibamos tão próxima e tão certa. O mais agudo da dor que dela extraímos é que aqueles que evoluem para a obscuridade da morte não mais nos

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ). Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

sustentação em suportá-la, tudo nos alcançando desprevenidos e despejando emoções vogais em nossas fragilidades. Diante da morte (a dama soturna em sua misteriosa senda), em vão intentam as filosofias religiosas catequizar-nos, pelo caminho da fé, para a superação da perda. Se choramos, nossas lágrimas são derramadas também um pouco por nós mesmos, que permanecemos e sentimos e amargamos uma incerta teimosia de viver. Quando se esvaem os corpos das pessoas que amamos, parte de nós é mutilada e nossa humanidade se apequena, num índice significativo do quanto somos sós, húmus da terra – essa mesma que também nos levará um dia, fecundando-nos de éter.

A homenagem a nossos mortos, portanto, sem ferir a secreta paz, o enigma, a cicatriz que a eles atribuímos, apenas firma um compromisso de restaurar a dignidade da existência humana, ainda que provisória, permanente em nós, que perseguimos um fio contínuo de esperança em nossa vaga humanidade. Por isso nutro dúvidas se serei a pessoa mais indicada para assinar o tributo a Zélia Saldanha, preito honroso que esta publicação com justiça pautou para o seu número inaugural. Simplesmente impensável uma revista de cultura e literatura sem que Zélia dela faça parte. Ainda mais revista da tão estremeçada UESB de seus mais profundos desvelos.

Lembro-me de Zélia Saldanha desde minhas primeiras acolhidas aos numerosos percursos acadêmicos que fiz nos *campi* de Conquista, Jequié e Itapetinga. Devo ter sido a ela apresentado por Aleilton Fonseca, ou Heleusa Câmara, ou Ana Isabel, ou qualquer outra entidade afetiva dentre as tantas que acumulei em anos de convívio uesbiano. Lembrança imperecível, tão cedo de nós exilada para a amarga viagem, Zélia embalava nossos sentidos em perenes banhos de alegrias e redescobertas, laços encantados tecendo corações dormentes. Zélia, em vigília constante, desenvolvia todas as armas e alertas contra as formas insidiosas da inconsciência feliz, jamais deixando rebaixar-se seus níveis de consciência ética, profissional, estética, social e política.

Desconheço a compleição religiosa de Zélia, mas sei que (assim como Graciliano Ramos testemunhado por D. Timóteo Amoroso Anastácio) a minha amiga seria incapaz de uma desfeita ao Criador dos cristãos. Sua suave ironia, risada sutil ou gargalhada comedida (ficava vermelha nesses instantes e parecia engasgar-se com o humor que provocava ou recebia) nunca se dava ao escárnio ou ao azedume. Eu brincava com sua aparência germânica, concedendo-lhe títulos de condessa dos Países Baixos ou camponesa suíça. Os olhos tinham um brilho incomum por trás das grossas lentes dos óculos de aros finos. Às vezes falava como se estivesse murmurando. Em 1992, num seminário do Proler, ministrou corretamente umas cápsulas salvadoras para as torturas

do ácido úrico, que desde então me aflige até hoje, a mim dado a alguns excessos etílicos. Por sinal, foi Zélia minha ministra plenipotenciária apresentando-me os noturnos de Chopin por todos os botecos de nossa querida Vitória da Conquista.

“Se eu conservar as forças do corpo e do espírito que ainda tenho a sorte de possuir, ser-me-á difícil manter-me muito tempo afastado dos velhos campos de batalha. Nesse caso, porém, voltarei a eles com novo equipamento e novas armas”. Essas palavras não foram proferidas por Zélia Saldanha, mas por Ibsen, autor de um teatro épico, filosófico, de dramas familiares e íntimos, e especialmente criador do sugestivo Quando despertamos de entre os mortos. Sei que Zélia (oh, quanta pena!) não mais vingará entre nós com seu pulsar humanista. Mas se voltasse, certamente permaneceria com seu corpo e espírito robustecidos dessas lidas, armas sagradas com que amarrotar as tantas mediocridades que a arrepiariam nos dias que correm. É assim que ainda a vejo, só assim ainda posso contemplá-la, reproduzindo emblemas, como os enunciados por Maja, emancipada de Rubeck no drama de Ibsen citado acima. Maja (aliás, Zélia Saldanha) dizendo “livre, bem livre, sem prisão, nem teto/ eu corto os ares, passarinho inquieto”.

O parco escriba que perpetra estes motes desataviados sabe que a melhor homenagem a Zélia Saldanha quem a pode prestar são seus inúmeros alunos, a quem ela ensinou o formidável gesto de duvidar. Quanto a mim, só consigo restaurar a sensação de que o custo de nossas perdas em mortos é o de apenas contemplar a fragrância de nossos próprios despojos.

Inté!